

GRANJA DO TORTO, BRASÍLIA, DF, 25 DE JANEIRO DE 2002

Evidentemente, cabem, ao início, os agradecimentos à presença de tantas pessoas de tão alto significado para esse processo de revisão da mentalidade que existe hoje no mundo e dizer que a idéia desta mesma reunião surgiu de um encontro nosso com o Fábio Feldman, o Tom Lovejoy e o Roberto Guimarães algum tempo atrás, que nos deu a idéia de que houvesse a possibilidade de uma reunião dessa natureza para reativar a questão do Tratado de Cooperação Amazônica e, também, servir de motivação para os encontros que teremos em função da reunião de Johannesburgo.

Não quero só agradecer a todos assim, de maneira genérica. Todos aqui têm cooperado. Mas quero agradecer muito em especial à União Internacional para a Conservação da Natureza e à nossa querida Yolanda Kakabadse e a todos aqueles que trabalham com ela, assim como agradeço o apoio que temos tido do Banco Mundial, sem o que não teríamos possibilidade de realizar esta reunião, com o apoio também da Fundação Futuro Latino-Americano, que aqui nos ajudou bastante.

A nossa reunião com a UICN, desde a convenção sobre a biodiversidade – participação muito importante, muito ativa, que houve de sua

parte, da parte de seus cooperadores –, foi muito útil para todos nós. Sabemos, obviamente, que essa questão de meio ambiente, especialmente da Amazônia, tão complexa, tão sensível, exige uma cooperação permanente de intercâmbio. E a participação da sociedade é fundamental. Se não houver essa participação das organizações não-governamentais, dificilmente se leva adiante qualquer processo efetivo de mudanças, de costumes, de cabeças e de práticas. É muito importante ressaltar, sempre, que nós temos tido essa cooperação.

Talvez seja esse o sinal mais visível da modificação que ocorre, neste aspecto, no mundo, no que diz respeito ao que sejam os Estados, à estrutura do Estado e à relação entre o Estado e a sociedade.

Costumo repetir sempre uma expressão de que gosto muito, de um autor que já esteve mais na moda do que hoje, que se chama Antonio Gramsci, que falava da porosidade necessária. Ele falava da porosidade num outro sentido, *una società gelatinosa*, dizia em italiano. A sociedade tinha que ser permeável. Hoje, o Estado tem que ser permeável – permeável ao conjunto de manifestações que existem na sociedade. São muitíssimos os exemplos de que isso é necessário.

O Estado moderno é o Estado que se abre, que se abre ao diálogo, que se abre para a crítica, que se abre aos vários setores da sociedade, independentemente, enfim, da posição de cada um desses setores na sociedade e do ponto de vista de hierarquia; e independentemente, também, das posições políticas e das visões do mundo. O Estado tem que ser capaz de ter essa permeabilidade, para que possa processar, realmente, de maneira adequada, as demandas da sociedade. Essa quase fusão entre o Estado e a sociedade vai dar, no futuro, nascimento às idéias novas, a conceitos novos e a tudo que aprendemos. No fundo, somos herdeiros do século XIX, ainda. E o século XX mudou tudo isso. O século XXI vai mudar mais ainda, até o próprio vocabulário que se usa para descrever essas questões, porque ainda estamos presos a um momento da História em que não havia esse tipo de articulação. Hoje, nós todos fazemos parte. Esta reunião é um exemplo disso, não só no caso do Brasil como no de vários outros países em que existe, realmente, muito maior permeabilidade, que é a condição para que avancemos.

Percebi, naturalmente, desde o início – estou muito agradecido por isso – que aqui existe, também, um movimento de fazer com que eu assuma mais responsabilidades nessa matéria. Agora, vou me vingar. Assumo, assumirei com duas condições: uma é a de que todos os aqui presentes – e, depois, muitos mais – se transformem em meus assessores informais. E a outra – e aí todos vamos sofrer as conseqüências – é que vou nomear o Fábio Feldman como assessor formal para essa matéria. Realmente o exercício de funções de liderança, também, neste mundo, como acabei de dizer, muito sucinto, requer a possibilidade de ser o que em espanhol se chama *bisagra* – em português, dobradiça das janelas, das portas. Precisa-se de uma dobradiça entre o Estado e a sociedade. Não dá mais para exercer qualquer liderança sem isso: exige-se uma dobradiça. E o Fábio vai ser a parte visível dessa *bisagra* e vocês vão ser a parte invisível.

*Feldman:* Vão pagar caro isso.

*Presidente:* Não tenho dúvidas. Mas já estou pagando há muito tempo. Então, que outros paguem junto comigo.

Realmente, é importante que tenhamos essa percepção de que é preciso dar passos adiante nessa matéria, para que possamos ter um mundo mais vivível, um mundo melhor.

Agora, temos uma comissão interministerial, que já está encarregada de preparar a Rio+10. Nós estamos já desenvolvendo isso. E é preciso que haja agora uma ampliação dessas bases de apoio para que essa reunião de Johannesburgo tenha um sentido maior. O Embaixador Eduardo Santos acabou de mencionar: nós fizemos, no Rio de Janeiro, a passagem do comando simbólico da Rio+10 para Johannesburgo. O Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, virá ao Brasil e, espero, o Primeiro-Ministro da Suécia e o Presidente da África do Sul também. Nós, então, poderemos aproveitar para fazer um encontro desta natureza, dando mais visibilidade ao que se deseja e ao que se está fazendo.

As idéias, certamente, vão se aperfeiçoar e vão se aperfeiçoando cada vez mais. Tive, pessoalmente, a possibilidade de entrar em contato com

questões relativas ao meio ambiente há muitos anos. Por coincidência, até trabalhei um tempo, com alguma proximidade, com a Universidade de Upsala, na Suécia. E lá estavam Jan Pronk, Johan Galtung e Ignacio Sachs. Naquele tempo, não havia esses conceitos de hoje. Nós usávamos outro linguajar. Não se tinha ainda a expressão para dizer “desenvolvimento sustentável”. A expressão não existia. Não sei se era ecodesenvolvimento. Ignacio Sachs, que tem muita imaginação, inventava termos para chamar a atenção para o fato. Nós estávamos todos chocados com as conseqüências do que tinha acontecido na reunião de Estocolmo. Houve uma reunião em que defendeu a posição brasileira – para resumir numa frase – da “bendita poluição”. Porque se dizia o que alguns americanos pensam ainda hoje: é preciso queimar energia de qualquer maneira para levar adiante a industrialização. E não importavam as conseqüências desse processo.

Bom, então, aquilo começou a provocar uma certa reação. Existe uma revista chamada “Development Dialogue” que publicou muitos desses trabalhos nos anos 70. Foi-se avançando muito até se chegar a essa idéia de desenvolvimento sustentável. E houve um casamento entre a idéia de preservação com a idéia de transformação, mas uma transformação respeitadora dos limites da natureza. Vamos, certamente, avançar muito mais nessa matéria. Nos últimos tempos, houve uma incorporação importante a essa preocupação, que já estava visível na questão do desenvolvimento sustentável. Mas a preocupação muito clara hoje é a seguinte: é tomar em consideração os problemas da pobreza. E, se se tomam em consideração os problemas da pobreza, necessariamente se tomam em consideração os problemas da organização da riqueza e, portanto, da dominação, que são partes centrais de um processo de um outro mundo, de um mundo melhor.

E esse mundo melhor, expressado aí pelo Sebastian Manchineri – “sou uma pessoa: quero que se cuide da pessoa” – é verdadeiro hoje. Isso tem a ver com o que disse – e fico-lhe grato – o Dr. Paulo Nogueira sobre a questão da cidadania planetária. No fundo é isso. Transcendem-se realmente as fronteiras para pensar no ser humano e para pensar num conceito, que gosto muito de repetir, que é o da Humanidade. Quer dizer, nós temos que ver a preservação da Humanidade.

Na minha cabeça, cada um tem sua evolução conceitual. É variável, depende, às vezes, de coisas fortuitas. Quem mais me chamou a atenção para essa visão diferente foi Mikhail Gorbatchov; pode parecer paradoxal, mas foi Gorbatchov, quando ainda era líder da União Soviética. Aliás, encontrei-me com ele, recentemente, na Rússia, e ele estava preocupado com o meio ambiente, preocupado com questões dessa natureza.

Por que me chamou a atenção? Porque ele era líder de um Estado que não era poroso, de um Estado que flutuava acima da sociedade, onde não existia o conceito de sociedade civil, de organizações fora do Estado: havia só o partido vinculado ao Estado. Gorbatchov formulou o oposto disso, porque percebeu que a corrida armamentista, com a bomba atômica, levaria ao fim da Humanidade e transcenderia os limites até mesmo do Estado, da soberania do Estado como marco de referência da política. Ele disse: “Não, aqui não é possível, isso vai destruir a Humanidade.” Passou a pensar em termos de meio ambiente também.

É curiosíssimo isso. Por quê? De onde nasceu isso? Nasceu num momento em que o país não tinha a menor condição para que alguém tivesse esse tipo de visão, estando no topo do poder estatal. E ele, a partir do topo do poder estatal, formulou isso. Talvez nem tenha percebido o alcance revolucionário das idéias dele, que foi incorporar a dimensão da natureza e a dimensão de que não era suficiente pensar o mundo – a dominação, inclusive – em termos de luta de classes. Havia alguns valores que transcendiam a classe, o Estado, o limite territorial. Então, formulou uma visão planetária.

Bom, esses desafios não são fáceis. Ao se formular isso, esboroam-se todos os antigos conceitos. Não desaparece a territorialidade; não desaparece o Estado nacional. E nem deve. Não é isso. Mas coloquem-se esses conceitos e essas realidades num outro conceito, numa outra visão do mundo. É muito importante que nós guardemos essa visão do mundo, entendamos que essa visão está em processo permanente de transformação. E a preocupação nossa – como vamos ter, especificamente, agora, no Rio de Janeiro, em junho e, depois, em setembro, em Johannesburgo – será, certamente, a biodiversidade. Vamos cuidar, certamente, do tratado sobre o clima – questão importante, pela qual nós nos

batemos tanto no Tratado de Kyoto; vamos revitalizar os avanços ocorridos em Marrakesh. Tudo isso é muito importante, mas dentro também de uma visão maior – que foi mencionada pelo Michael Gukovsky e pelo Jório Dauster – da arquitetura mundial de poder e de distribuição de riqueza. Isso vem junto. O modo pelo qual se organizam o poder e a riqueza tem efeito direto sobre o meio ambiente, sobre o modo de vida e sobre a possibilidade ou não de eu dizer: bom, sou uma pessoa, quero ter certas condições de vida, de lutar por elas.

Nessa perspectiva, na verdade, há uma certa fusão entre esses vários movimentos. Aqui foi lembrada a reunião que vai haver em Monterrey. Também é importante. Pode parecer que é desconectada de Johannesburgo, mas não é, porque, no fundo, nós temos que criar – esperando-a, pelo menos, como utopia – para o século XXI uma nova sociedade, uma sociedade melhor, em que esses valores sejam incorporados e em que se possa, outra vez, falar de humanismo sem que seja uma palavra vaga, mas que seja alguma coisa sentada nas condições concretas de vida, nas condições concretas de existência.

Então, esse é o panorama. E, nesse panorama, obviamente, qualquer pessoa que tenha participação nos processos decisórios do mundo – diferenciada que seja –, ou é capaz de enquadrar isso tudo dessa perspectiva, ou não vai ser capaz de contribuir efetivamente; nem, portanto, de liderar. Isso me preocupa, porque existe, neste momento, uma espécie de déficit de liderança e déficit de compreensão, de visão dessa natureza. Então, lideram, mas lideram a partir de outras visões que não permitem esse avanço.

Agora, estive na Ucrânia. O Embaixador Eduardo Santos estava comigo. E o Presidente da Ucrânia me disse: “Presidente, o senhor é o único líder hoje, no mundo, que fala certas questões que não estão sendo tocadas.” Ele se referia à assimetria da globalização. Há muita gente que é contra a globalização. Está bom, pode ser contra. O que adianta? O mundo vai continuar nesse caminho. O problema não é ser contra. Qual é a forma que ela vai tomar? Quem manda? Como não manda? Como distribui. Qual é a simetria? O que não pode ser e que tem que ser dito com todas as letras?

Este tema, que poderia parecer já quase desnecessário, voltou com muita força: é o tema da paz. Sem paz, não há possibilidade de construir mundo nenhum. E não há possibilidade sequer de se pensar em meio ambiente, porque tudo vai estar absolutamente, digamos, subordinado a uma coisa horrível que é a matança, a destruição, a morte, o oposto do que seja a preservação da vida. Preservação do meio ambiente é preservação da vida, da biodiversidade e tudo mais.

Então, essas questões são os novos temas que têm que ser assumidos. Tentarei fazer o que puder, dentro das minhas limitações óbvias, como pessoa e como Presidente e, depois, como ex-Presidente de um país que não é central, mas que também não está mais na periferia, como no passado – está *in-between*. Hoje em dia se usa a expressão “mercados emergentes”. País, não: mercado. É outra coisa. Muito mais que um mercado. Mas, de qualquer maneira, tem um certo peso possível. Nós temos que utilizar esse peso. E, aí, não é só o peso do Brasil, o peso da nossa região, como aqui já foi mencionado e que tem que ser, crescentemente, valorizado por todos nós. E os que conhecem a minha posição nessa matéria sabem que nunca pensei, *stricto sensu*, apenas no Mercosul. Sempre pensei, pelo menos, em América do Sul. Digo “pelo menos” porque também não temos condições institucionais, muitas vezes, nem recursos para avançar mais as nossas articulações. O ideal seria articular mais e mais e mais. Mas, seguramente, temos que pensar, pelo menos, em termos de América do Sul.

Aí entra o Tratado de Cooperação Amazônica, um instrumento muito importante para a visão de valorização dessa região e naquilo que ela tem também de muito peculiar, a questão da biodiversidade, a questão das águas, enfim, essa infinita quantidade de questões, e o fato mesmo de que a Amazônia é plurinacional. Da Amazônia o Brasil controla uma boa parte, mas não é único: vários países pertencem à Bacia Amazônica. Assim, nós temos que, necessariamente, buscar formas de articulação, formas de integração, formas de ampliação das nossas políticas.

Portanto, falta muito pouco, como foi informado pela doutora Yolanda com relação à Colômbia, para aprovar o Tratado de Cooperação. Nós vamos fazer, a sede será aqui no Brasil, já foi decidido, eu quero

fazer isso este ano, em que ainda serei Presidente, para podermos organizar e termos aí uma base de articulação que pode ser bastante positiva, uma espécie de plataforma de lançamento dessas idéias, que estão, digamos, em sintonia com o melhor sentimento do mundo. Acho que esse deve ser o nosso objetivo na questão do Tratado de Cooperação Amazônica.

Quero lhes dizer que ouvi aqui as propostas elaboradas para uma estratégia regional de biodiversidade, obviamente produzindo conhecimento para entendê-la melhor e construir uma aliança técnico-científica e iniciativas econômicas favoráveis ao desenvolvimento. Quero lhes dizer que teremos um instrumento muito poderoso nessa direção, que é o Sivam. É um sistema de radares não só para controlar aviões voando. Chama-se Sivam/Sipam. Vai gerar uma quantidade enorme de informações sobre o clima, sobre questões relativas ao solo e recursos minerais. É um sistema extremamente avançado.

Também espero deixar, pelo menos, a parte fundamental feita e terminada neste governo. Já o ofereci aos governos da região. Numa reunião de Ministros de Defesa da região, eu o ofereci – porque queremos isso não para fins militares – para fins de controlar o contrabando, sim. Mas é para fins muito mais amplos do que isso. A capacidade do Sivam de gerar informação é imensa. O que não temos é capacidade de absorver as informações geradas. É preciso que as sociedades, não só o Brasil, se organizem para isso – aí incluindo os povos indígenas, as populações indígenas, porque poderão ser beneficiárias. Depende sempre do modo como se organiza e se distribui a informação, esse manancial de informações. Nunca houve, na região, a capacidade de produzir tanta informação acurada como através do Sivam. É um projeto ambicioso, deve ter custado uns 2 bilhões de dólares, no decorrer desses oito anos. Muito ambicioso. Difícil, porque localizado na Amazônia. E que foi percebido aqui como um projeto militar. Não é. Pode eventualmente servir de, enfim, atividade dupla; pode servir, serve certamente para o controle do espaço aéreo, mas serve para muito mais do que isso. É um gerador de informação e conhecimento. Com o desenvolvimento de *softwares* novos, vai precisar de muita gente trabalhando.

Então, nós temos aí, realmente, uma máquina poderosíssima. O Tratado de Cooperação Amazônica pode ser um instrumento para mostrar aos países da região que esse é um benefício que o Brasil não quer deixar fechado para o País só. Está aberto a todos os países da região. Isso pode servir para a mudança climática. Quer dizer, pode-se colocar aí uma enorme quantidade, enfim, de hipóteses para buscar informações.

Vivemos, portanto, um momento positivo, realmente, nesta matéria, bastante positivo. Não tenho dúvida nenhuma de que vamos precisar dar maior visibilidade ao que vai acontecer em Johannesburgo, para tirar esse travo amargo da desilusão. Precisamos também valorizar o que se faz. Aqui, ouvi e fiquei contente de ouvir muitas pessoas dizendo que em matéria de meio ambiente se avançou. E se avançou muito. O avanço maior é que começa a haver uma consciência popular sobre essa questão. Há uma condição necessária para que isso possa, efetivamente, se transformar numa prática de vida. Para quem vive a experiência de governo no Brasil, é imenso o número de reclamações que eu recebo porque os ambientalistas, os procuradores ou não sei quem não deixam fazer uma obra. Isso tem um lado que, às vezes, realmente é exagero. Mas, no geral, é muito positivo. Quer dizer, não há uma decisão de governo que não tenha que tomar em consideração a questão ambiental. Não há uma. De governo e de empresa.

O Dr. Jório Dauster declarou a posição dele, de ambientalista recente. Mas era Presidente da Vale do Rio Doce e sabe disso; e a própria companhia, essa mesma companhia, sabe a preocupação que tem. Quem for visitar o que a Petrobras fez lá no meio da Amazônia, em Quari, vai ver a preocupação imensa. E tem ISO 9.000, ISO 14.000, tem tudo isso, porque hoje existe uma espécie de paixão para que haja, realmente, uma atitude não predadora. Não são todos. Há muitos predadores. E uma parte do que se está predando, hoje, no Brasil, tem a ver com a pobreza e, às vezes, até com a miséria. É claro que temos que atacar a pobreza e a miséria, não por causa das conseqüências, apenas, sobre o meio ambiente, mas para melhorar as condições de vida. Mas é verdade que a desinformação, o uso de técnicas rudimentares, por falta de outros recursos, de outros mecanismos, preda o meio ambiente.

Quantas queimadas são fruto da pobreza? Muitas. E da desinformação, que, no fundo, é uma forma de pobreza também. Então, temos, ainda, que avançar mais na difusão dessa consciência mais afinada com o que se deseja. Mas já se está avançando.

No Brasil, houve uma grande remodelação de todos os livros didáticos. Devo dizer que o Governo Federal distribuiu mais de 100 milhões de livros por ano – 100 milhões de livros de graça em todo o Brasil! Algumas vezes, distribuiu livros de conteúdo muito discutível. Foi feita uma revisão total. Foi feito um outro esforço nos chamados parâmetros curriculares básicos, que dão ao professor as diretrizes que ele deve utilizar – está lá a questão do meio ambiente, está lá a questão dos povos indígenas, está lá a luta contra o preconceito racial, está lá a responsabilidade ética das pessoas. Houve uma nova visão. Claro, isso não produz uma transformação de imediato, mas, pouco a pouco, vai tocando cada um, vai sendo realmente um elemento de transformação dos sentimentos e das cabeças.

Há, portanto, razões para termos otimismo. Claro, sei das dificuldades, dos mil problemas que existem. Mas ninguém muda o mundo se achar que não há solução. Ou a gente pelo menos imagina que tem uma solução e acredita nela – mesmo que esteja errada, você se joga por ela – ou nada muda.

Aqui, é nossa responsabilidade mostrar que é possível mudar. Os passos, às vezes, não são tão grandes quanto desejaríamos, mas houve passos. Se nós mantivermos só o discurso da tragédia, a tragédia acaba ocorrendo. É uma profecia que se auto-executa. Não pode. Há muitas razões de otimismo, não só no Brasil: em muitas outras partes, aqui, da nossa região e fora da nossa região.

É com esse espírito, portanto, que devemos enfrentar essas questões.

Depois de tantos apelos que me foram feitos, aqui, não tenho senão que, ao agradecer, reiterar que, dentro das minhas limitações, estou disposto a avançar nessa direção. Temos uma reunião, agora, na Suécia, com alguns líderes mundiais. O Embaixador Eduardo Santos esteve preparando a reunião lá em Londres. É uma reunião de um grupo chamado Progress of Governance, que foi, no passado, a Terceira Via.

Mudou de nome, porque esse negócio de via não é bom. Mas, de qualquer maneira, junta pessoas que têm um certo peso no processo decisório mundial. E esta questão é sempre reiterada: a questão do meio ambiente. É uma oportunidade também para falarmos sobre esse problema de Johannesburgo. Devo ter um encontro com o Primeiro-Ministro da Suécia, independentemente dessa reunião em que vamos discutir essas questões.

Devo lhes dizer que, em todas as oportunidades que tenho tido, tenho aproveitado para colocar essa visão nova do mundo: fiz nas Nações Unidas, fiz na França, fiz na Rússia, agora, faço em toda parte em que ando, aí, pelo mundo, quando me é dada a palavra. Eu sou baiano mentalmente; então, falo bastante e aproveito para chamar a atenção para essas questões.

Dito isso, quero, mais uma vez, agradecer imensamente o fato de terem vindo aqui, a generosidade das referências ao Brasil e a mim, em particular, e reiterar o meu sentimento de absoluta conformidade não só com essas questões aqui sugeridas, mas também com o espírito que depreendi aqui, nesta reunião, um espírito progressista, um espírito de fé, que acredita que as coisas podem avançar e estão avançando.

Muito obrigado. E me desculpem de antemão pelo almoço, que é sempre parco aqui.

Mas, antes de terminar, quero dar um nota de pé de página. Sofremos, no Brasil, com uma crise de energia elétrica. Poucos processos dessa natureza ensinaram tanto aos brasileiros. Questões relativas às águas, à necessidade do uso racional dos recursos naturais, isso também foi uma coisa muito importante. E o modo como a população daqui reagiu a essas questões foi extraordinário. Digo isso em um dia em que estamos aliviando, praticamente, o processo de racionamento. Estamos, não esgotando a preocupação com a preservação, com o uso racional dos recursos renováveis, como a água, mas mostrando que eles podem, em um dado momento, deixar de ser renovados, se não tomarmos atenção.

Tenho a alegria de dizer que aprovei um projeto de uso mais racional da energia. Foi um projeto que apresentei no Senado, e, depois, o Sena-

dor Teotônio Vilela o reapresentou. Não sou Senador há praticamente dez anos, porque fui ser Ministro. O projeto rolou dez anos, mas foi aprovado por causa da crise de energia. A sociedade brasileira aprendeu muitíssimo que é possível ter um outro modo de viver que gaste menos, *despilfarro*, como dizem vocês, numa palavra mais simpática. Aqui, o *despilfarro* é enorme, como se houvesse – há, às vezes – abundância. Mas, ainda havendo abundância, para que mal gastar? Isso mostra que a sociedade aceita, quando explicados, outros padrões de comportamento.

Desculpem essa nota final, de pé de página, porque devia ter dito isso antes. Vejo que alguns estão já com um ar ou de cansaço de tanto eu ter falado ou de uma fome insopitável. Vamos à comida.

Obrigado.